

## **GRUPO COMO MEIO: COMO PENSAMOS A COORDENAÇÃO DE UM GRUPO NO CAPS?**

BIBIANA SCHERER<sup>1</sup>; ANDRIELE BANDEIRA FURTADO<sup>2</sup>; ISADORA GOTTINARI KOHN<sup>3</sup>;

CAMILA IRIGONHÉ RAMOS<sup>4</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – bibianacaye@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas– andrielebandeira10@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – isadoragottinari@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – mila85@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho surge da intersecção das práticas tanto de ensino, quanto de extensão, vinculadas ao Projeto “Territórios de/em ação: aprendendo e desenvolvendo saúde na/pela rede de atenção psicossocial”, coordenado pela professora Camila Irigonhé Ramos. Sua problemática, portanto, advém frente a necessidade de embasar teoricamente a coordenação do Grupo da Horta, no CAPS Porto, retomado por três extensionistas, no começo de julho de 2025.

A partir da perspectiva da Psicologia Social Crítica (SILVA, 2021), estamos alinhadas com aqueles que defendem que as instituições não são naturais; mas criações, produtos de forças históricas-políticas que produzem demandas, subjetividades, campos de saber-poder. É nesse contexto que a questão aparece de forma mais consistente: como pensar um grupo que vá ao encontro da Luta Antimanicomial - a qual defende “(...) a desterritorialização dos saberes e das técnicas em uso, para dar lugar a uma reterritorialização criativa e baseada na cidadania do paciente, forjando novas estruturas, novos experimentos e novas competências” (BUENO, 2024, p. 4).

Encontramos no livro de BARROS (2007), intitulado “Grupo: a afirmação de um simulacro”, algumas pistas de como pensar um grupo como território criativo, produtor de agenciamentos e subjetividades, e não como algo a ser uniformizado, controlado, objetificado por um saber dominante. Os quais Guattari chamaria, respectivamente, grupo sujeito e grupo sujeitado (BARROS, 2007).

Mais adiante, buscando romper com qualquer tipo de unidade/totalidade/dualismo, o grupo passa a ser entendido como um *entre*, um *meio*. “O grupo é entre quando, em qualquer um dos seus pontos-movimentos, falas expressas, afetos experimentados, se abre como conexão para outras bricolagens” (BARROS, 2007, p. 292). É, portanto, sob essa base teórica que pensamos e experienciamos o Grupo-Devir Horta.

### **2. ATIVIDADES REALIZADAS**

As atividades realizadas não foram pré-estabelecidas e/ou hierarquizadas. A cada encontro, cartografamos em conjunto as forças, as linhas de fuga, o que pedia passagem, tomando decisões diferentes semana a semana. Mesmo quando mapeamos as forças, aprisionando-as em um papel – atividade realizada no segundo encontro -, houve a mudança, o surgimento de novos agenciamentos no

meio do caminho. Como somos um grupo-devir, um meio, e não uma totalidade fechada, estávamos sempre devindo constantemente outros. Nômades (FOUCAULT, 1997).

Uma dessas forças, nos trouxe a ideia de produzir mandalas. Nesse encontro – por meio de um tutorial no *youtube* – fomos ajudando uns aos outros a cortar palitos de churrasquinho, escolher as cores da lã e tecer o padrão dos fios que dariam a forma triangular da mandala. No final, todos penduramos as mandalas para colorir o espaço da horta. Após o encontro, uma das usuárias compartilhou conosco uma foto da mandala que estava fazendo em sua casa.

Em outro momento, tínhamos planejado pintar garrafas *pets* que serviriam como vasos para a plantação de verduras. No entanto, uma usuária que não tinha participado da confecção das mandalas começou a produzir a sua com a ajuda do grupo. Uma das acadêmicas, tentando ajudar, acabou cortando os palitos com a metade do comprimento esperado. Nesse momento de “erro”, uma outra usuária viu e disse que faria uma “mini mandala” com os palitinhos. Os outros integrantes, foram pintando as garrafas e, aqueles que se atraíam pela música vinda do grupo Los Lokos, iam até lá dar uma espiada.

O último encontro foi de confraternização. Entretanto, antes dele estávamos especulando sobre como conseguir mais terra para a horta. Havia dado a ideia de pegar na faculdade de Medicina, mas, novamente, como somos afetados pelas forças que vêm de todos os lados, choveu no dia. Para a nossa surpresa, no dia da confraternização ficamos sabendo que um caminhão havia descarregado oito sacos de 25Kg de terra no CAPS. A usuária do grupo responsável pelo envio disse que iria comprar, no entanto, quando informou à empresa que era para o CAPS, recebeu de doação. Não poderíamos encerrar o semestre de forma mais bonita.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No começo das atividades com o grupo não fazíamos ideia de tudo que iria acontecer. A experiência foi um mergulho por zonas não conhecidas, as quais nos trouxeram encontros potentes. Apesar disso, a falta de uma estrutura/cronograma/hierarquia/saber/um território pode ser muitas vezes angustiante para nós que estamos na faculdade e por vezes aprendemos teorias que são um *a priori*, transcendentais, e não imanentes. Teorias que nos protegem do excesso de caos (DELEUZE; GUATTARI, 1997), mas que também, muitas vezes, violentam o outro. Segundo BUENO (2024, p. 7):

É fundamental o exercício de uma crítica constante das ações no campo da assistência em saúde mental para combater sempre a “doença-instituição”, os pequenos “manicômios itinerantes” (Delgado, 1991) que nos habitam para evitar o que Basaglia (1985) indicava como um “manicômio com uma casaca nova”, moderno e humanizado, mas ainda centralizador das e nas ações referentes ao tratamento dos loucos.

Outras linhas de ações possíveis apareceram no decorrer das atividades, como: realização de *podcasts*, crochê, um churrasco e plantação de mudinhas de vegetais para distribuir em participação em eventos públicos, como o CAPS na Rua. Além disso, a volta das atividades da horta tem provocado movimentos e contribuições de outros funcionários e estudantes.

Por fim, acreditamos que teoria (ensino) e prática (extensão) andam juntas. Nesse sentido, esse trabalho, bem como as ações realizadas no Projeto, são

apenas o começo para pensarmos e desenvolvermos eticamente novos caminhos de cuidado e saúde na Rede de Atenção Psicossocial.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Regina Benevides de. **Grupo: a afirmação de um simulacro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

BUENO, Rinaldo Conde. O conceito basagliano de desinstitucionalização: de dentro do manicômio para a liberdade terapêutica. **Revista Ciências Humanas**, v. 17, ed. 36, 2024. DOI: 10.32813/2179-1120.2024. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/973/510>.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** (2ª ed.). São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. Introdução à vida não-fascista. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia**. New York: Viking Press, 1977. Prefácio, p. XI–XIV. Trad. Wanderson Flor do Nascimento.

SILVA, Rosane Azevedo Neves da. **A invenção da psicologia social**: 2. ed. Porto Alegre: ABRAPSO Editora, 2021. Disponível em: [https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2022/08/a\\_invencao\\_da\\_psico\\_social.pdf](https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2022/08/a_invencao_da_psico_social.pdf). Acesso em: 07 out. 2024.